

## Cultura alfabética. (ECA 11/8).

O código alfanumérico que dominou a comunicação ocidental até a geração dos nossos pais está atualmente ameaçado por códigos novos, e em parte ainda mal assimilados. O problema que tal transição cultural coloca não é apenas problema formal, mas provoca emoções, mobiliza preconceitos, e pode contribuir para o agravamento das tensões sociais e políticas do momento. Exemplo: campanhas de alfabetização no instante mesmo da decadência do alfabeto. O fato é que muitos estão engajados existencialmente no código alfanumérico, e estão dispostos a defendê-lo, mesmo se admitem a inadequação de tal código aos meios de comunicação recentemente elaborados. As quatro palestras que me proponho a fazer visam discutir o clima passional que cerca este assunto. E nesta primeira procurarei elucidar o fascínio que emana do alfabeto.

O código alfanumérico consiste de letras, de cifras, e de alguns símbolos auxiliares. O repertório do código está exposto em teclado de máquina de escrever, embora lá esteja armazenado segundo ordem diferente da que rege o armazenamento alfanumérico da memória humana. As cifras, de origem hindú, e transmitidas ao Ocidente por árabes na alta Idade média, simbolizam conceitos de conjunto. Assim, a cifra 2 simboliza o conceito do conjunto "pares", e a cifra 0 o conceito de um conjunto vazio. As letras, de origem semítica, provavelmente síriaca do quatro milênio, adquiriram a sua forma atual e aproximadamente o seu significado atual na região síriaca na primeira metade do segundo milênio a.C. Significam elas o som inicial da palavra semítica que designa o objeto representado pela forma da letra. Assim, a letra A simboliza o som inicial da palavra Alef, que é "touro", objeto este representado por sua forma, e a letra B simboliza o som inicial da palavra Beth, que é "casa", objeto este representado na forma das duas cúpulas na letra. De maneira que as cifras são "ideogramas", (símbolos de conceitos), e as letras são "pictogramas" transcodados, (símbolos originalmente pictóricos que passaram a significar sons de língua falada). Quem escreve alfanuméricamente mobiliza dois processos mentais incongruentes: manipula simbolicamente conceitos, e manipula simbolicamente língua falada. Tal hibridez do código é parcialmente responsável pela fertilidade do pensamento por ele articulado. Há textos nos quais dominam as cifras, (os das ciências ditas duras), e outros dominados por letras, (os da "literatura sensu stricto"). Lanço a problemática da hibridez do código nas suas caras sem comentá-la, afim de lhes sugerir a sua radicalidade. Mas não posso deixar de dizer que, uma vez superado o código alfanumérico, indubitavelmente se desenvolverão processos mentais até agora reprimidos pelas letras. Processos estes mais aparentados ao pensamento matemático que ao literal, mas diferentes do matemático por não necessariamente quantificantes. É que as letras aprisionam o pensamento ao acorrentá-lo à língua falada. Considerem tal submissão do pensamento à língua, devida a letras:

Ao escrevermos alfabeticamente, estamos tornando visual mensagem auditiva. Estamos notando visualmente pensamentos, sentimentos, desejos e comandos articulados linguisticamente. Não estamos codificando, mas transcodificando. A língua falada se intromete entre nós e o nosso texto. O que faz com que tendamos a confundir pensar com falar, e mente com língua. Por exemplo: chamamos as regras do pensamento regras "lógicas", (isto é: linguísticas), divinizamos o Verbo, e construímos edifícios ideológicos linguísticos do tipo hegeliano e heideggeriano. Tal confusão ontológica entre mente e língua, (da qual eu próprio fui vítima ao escrever "Língua e Realidade"), a qual caracteriza a nossa cultura desde os profetas e os pre-socráticos, passando pelo cristianismo e o Islam até a tentativa frustrada de Russel e Whitehead para reduzir as proposições linguísticas às matemáticas, exige de nós, os parcialmente pós-alfabéticos, que encaremos a seguinte pergunta: que motivos levaram os inventores sírios do alfabeto para proporem código tão duvidoso? Com que finalidade impuserem estes pais do pensamento ocidental sobre nós este desvio desnecessário do pensamento através a língua falada? Por que não podemos escrever diretamente, como o fazemos ao escrevermos cifras, como o fazem os chineses, e como o fazem os nossos filhos com computadores digitalizados? Por que letras?

Sugerirei duas respostas, e a primeira é esta:

O código culturalmente dominante antes da invenção do alfabeto era o das imagens, sejam elas bi- ou tridimensionais, sejam elas elaboradas ou convencionalmente simplificadas como no caso dos pictogramas. Ora, as imagens, que são mediações entre o homem quem as produz e o mundo concreto no qual vive, estão sujeitos à dialéctica própria de toda mediação: tendem a substituir-se pelo a ser mediado. De mapas do mundo passam a biombos que escondem o mundo, e homem, em vez de utilizarse das imagens para orientar-se no mundo, passa a agir no mundo em função das imagens. Tal inversão da função das imagens: 'o homem age sobre o mundo em função das imagens', é chamada idolatria, e a ação humana sobre o mundo em função de imagens é chamada magia. O código alfabético foi inventado como arma contra idolatria e magia. O seu propósito era o de "explicar" as imagens, torná-las transparentes para o mundo concreto, e destarte libertar a humanidade da opressão por elas exercida. Des-alienar a humanidade do seu próprio produto que são as imagens. Ora, existe código, (e existe há tempos imemoriais), apto a explicar as imagens: o da língua falada. A língua falada fala "sobre" imagens, discorre por cima delas. Eis porque os inventores do alfabeto recorreram a língua falada no seu engajamento iconoclástico, engajamento este nítido nos profetas: Deus é inimaginável mas perfeitamente audível, Ele fala e fala, (omar veomer JHVH).

No entanto, tal primeira resposta à pergunta "por que letras?" não basta. Porque as letras, ao tornarem visíveis os sons da língua falada, modificam a estrutura da língua. Obrigam elas a língua falada a adaptar-se à unidimensionalidade da linha, e abstraem elas da língua falada toda uma série de parâmetros, como seja intonação da voz e modulação sonora. Como efeito: a língua escrita em letras é um novo tipo de língua, tipo este inventado pelos inventores do alfabeto. De modo que uma segunda resposta à pergunta "por que letras?" se oferece espontaneamente: para disciplinar a língua falada, e para purificá-la. Antes da invenção do alfabeto falava-se indistintamente, como que com boca fechada, articulava-se mal, balbuciava-se, e o termo "mito" tem a mesma raiz etimológica que a palavra "mudo". Por certo: os românticos e seus sucessores procuram sabedorias nos mitos, e, por os procurarem, fatalmente os encontram. Mas os inventores do alfabeto não eram românticos, e inventaram as letras para combaterem o pensamento mítico articulado por língua falada.

As duas respostas à pergunta "por que letras?" são complementares. Letras combatem magia ao explicarem imagens, e combatem mitos ao disciplinarem a língua falada. E, tomadas destarte em seu conjunto, as duas respostas delineiam a "forma mentis" que se articula por letras. É a mentalidade de quem está engajado em explicações progressivas, e na desmitização do pensamento. Os inventores do alfabeto criaram o código para este tipo de mentalidade, e esta se ia formulando sempre mais perfeitamente com o uso crescente e contínuo do alfabeto. Estamos habituados a chamarmos de consciência "histórica" este tipo de mentalidade. De maneira que a resposta última à pergunta "por que letras?" é esta: para servirem de código para a consciência histórica, e destarte tornar viável a história do Ocidente, (que é a única história sensu stricto). Por certo: os próprios inventores do alfabeto não se davam conta disto, já que neles a consciência histórica ainda estava sub-desenvolvida. Somos nós, os que presenciamos a crise da consciência histórica, que podem afirmar isto.

Considerem por um instante as nossas letras, essas articulações da consciência histórica, essas molas da história do Ocidente. São elas janelas pelas quais vislumbramos a cena inicial da qual a nossa cultura surgiu: o A nos mostra o Touro sagrado, o B a casa do deus, o C as costas curvas do camelo carregado das delicias do Oriente. Mas pelo poder da nossa consciência trançamos as letras de imagens em instrumentos para dominarmos a língua, e através ela a nossa própria mente. Impomos as letras mortas sobre o corpo vivo da língua, para que, quais vampiros, possam elas sugar a vida que pulsa na língua e passarem a viver novo tipo de vida. Debaxo dos dedos de quem escreve alfabeticamente nova vida parece querer nascer, e a luta amoroso corpo a corpo entre o escritor e a língua falada, durante a qual a língua é violentada

e seduz seu violentador, é o clima no qual surge a poesia. As nossas letras são as armas preferenciais na conquista da beleza pela mente ocidental, e é por esta razão que são chamadas "belas".

Mas o nosso engajamento nas letras não é devido apenas ao poder poético que nelas está embutido. Ao impormos as letras sobre a língua viva para dela sugarmos vida nova, jamais encontraremos língua virgem. A língua que nos alcança já tem passado pelas camas de inúmeros violentadores. A literatura é correnteza que nos advém do fundo da nossa história, produto de trabalho cizelador de gerações de manipuladores de letras, e nós somos desafiados para por nossa vez impor-lhe a nossa marca, e transmiti-la enriquecida às gerações subsequentes. A língua que se derrama pela literatura rumo ao futuro se purifica, se torna sempre mais elegante e refinada, instrumento sempre mais exato e precioso para a articulação da mente. Com efeito: a língua literária, (qualquer língua literária), é indescritivelmente bela, sábia e boa, já que armazem de tanta busca do verdadeiro, do bom e do belo. Toda língua literária do Ocidente é herança que nos foi confiada para a guardarmos, preservarmos, e enriquecermos. Estamos engajados em letras, por serem elas os cofres fortes e as chaves desse tesouro.

As considerações que acabo de lhes propor procuram transmitir-lhes o fascínio que emana do alfabeto. E não é necessário sermos poetas, e nem sequer escritores modestos, (como o é meu próprio caso), para vivenciarmos tal fascínio: basta sermos alunos de escola primária anterior à introdução dos word processors. O que os meninos aprendiam nos tempos não muito remotos quando o soletrar precedia ao manejo do teclado digitalizado era falarem corretamente. Os meninos aprendiam não mais falar a língua materna, mas língua literária: Oxford English, o francez dos enciclopedistas, o alemão de Lutero, o italiano de Dante, o português das canções de amigo. Aprendiam os meninos, ao soletrar, como se assume responsabilidade pela história que nos nutre. Abismo ontológico separava tais meninos dos iletrados: eles eram iniciados ao segredo da consciência histórica, enquanto os iletrados habitavam as regiões pré-históricas da magia e do mito. As letras são fascinantes, porque são símbolos iniciatórios à história do Ocidente.

Os nossos maiores siríacos, esses proto-judeus do segundo milênio a. C., impuseram sobre a nossa mente camisa de força incômoda, ao inventarem o alfabeto. Código pouco racional este que nos obriga a fazermos a longa volta pela língua no nosso caminho a partir do pensamento rumo à folha. E código inconveniente, por exigir conhecimento de várias línguas de quem quiser comunicar-se com a sociedade ocidental toda. Inconveniente sobretudo, porque mal adaptado às inteligências artificiais que estão prestes a serem instaladas. Por todas estas razões o alfabeto está em vias de ser abandonado enquanto código dominante na nossa cultura. Na revolução informática atual, (que é revolução antisemita no mais profundo dos significados do termo, por substituir imagens aos textos), o código siríaco será substituído por códigos mais performantes. E tal revolução é consequência de crise da cultura alfabética que se prepara há muito tempo. A próxima palestra tratará de tal crise. Mas não quero encerrar a presente palestra, sem confessar a melancolia que se apodera de mim ao contemplar o ocaso do alfabeto.